

## HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA E HOMOGENEIDADE DESCRITIVA

---

*Maria Henriqueta C. Campos*

O objectivo desta comunicação é apresentar um sistema de representação metalinguística baseado numa topologia rudimentar, visando dar conta, de forma homogénea, da heterogeneidade dos fenómenos linguísticos.

A estrutura do domínio das ocorrências dos valores referenciais, quer se trate de valores espaciais, de valores temporais-aspectuais ou de valores nocionais, é definida a partir dos conceitos de Espaço e Fronteira, sendo o Espaço caracterizado como Interior / Exterior e Aberto / Fechado, e podendo o Interior ser munido de um Gradiente e de um Centro Atractor e Organizador (Culioli 1990).

### **I. Valores espaciais**

Na representação linguística do espaço em português, ocupam lugar de relevo os marcadores da deixis (ver, entre outros, Lopes 1971 e Leitão 1981). Vamos considerar apenas os marcadores estritamente espaciais.

Das diferentes séries de deícticos espaciais, a série básica – *aqui*, *aí* e *ali* – constitui um sistema de oposição ternária, como tal aparentemente mais complexo do que os correspondentes, por exemplo, em inglês. Neste sistema de oposição ternária, a "oposição demonstrativa fundamental" parece ser entre *aqui* e *ali* e não, como se poderia pensar, entre *aqui* e *aí*, cuja localização é calculada em relação aos parâmetros subjectivos da enunciação (ver Lopes 1971:142).

Se compararmos a série de deícticos *aqui*, *aí*, *ali* com a série *cá*, *lá*, observamos que a primeira série corresponde a ocorrências no Interior de um espaço constituído por sub-espacos conexos – "*aqui em casa*", "*aí ao pé de ti*", "*ali atrás da porta*" –, em que, com origem no sujeito enunciador, se definem zonas de proximidade e afastamento. À segunda série associam-se necessariamente espacos em ruptura.

O espaço representado pela deixis tem carácter "abstracto e imaterial" (André Rousseau 1992:369) e é independente da realidade objectiva. Exemplificando apenas com a série *aqui*, *aí* e *ali*, vemos que a possibilidade de extensibilidade desse espaço mostra a relatividade do conceito de proximidade: é possível dizer-se, por exemplo, "*aqui na Faculdade*", "*aqui na Europa*", "*aqui na Terra*" ou "*aqui no Sistema Solar*", desde que estas expressões correspondam à construção de espacos concêntricos, em torno de uma origem identificada com o sujeito enunciador. Mais, na medida em que diferentes modos de organização do espaço autorizam que o enunciador que está nesta sala diga, indiferentemente, "*aqui na Biblioteca*" ou "*ali na Biblioteca*", a oposição próximo / distante deixa de ser operatória.

Para maior rigor na representação das formas adverbiais deícticas, recorre-se ao conceito topológico de 'vizinhança', que não se associa a maior ou menor distância ou proximidade. 'Vizinhança' de um ponto 'x' corresponde ao espaço representado como um conjunto de pontos que se sucedem em 'continuidade' a partir do ponto 'x'.

O conceito de vizinhança está associado ao conceito de 'espaço aberto', definindo-se espaço aberto como um conjunto de pontos do qual se excluem os pontos que delimitam o conjunto, isto é, que constituem a sua fronteira. Um espaço aberto serve, portanto, de vizinhança a cada um dos seus pontos.

A vizinhança de 'x' pode também corresponder a um espaço fechado, isto é, um conjunto de pontos que inclui os pontos que o delimitam, isto é, a sua fronteira. A expressão "*Moro aqui em Lisboa há muitos anos*", contrói uma vizinhança fechada.

O deíctico *aqui* é a expressão de uma vizinhança do ponto 'x' – "*Estou aqui há horas à tua espera*" – ou de parte de uma vizinhança: "*Olha isto aqui*" (exemplos adaptados de Leitão 1981).

O deíctico *aqui* pode mesmo "designar qualquer espaço (...), todo o espaço capaz de ser concebido por um sujeito enunciador que aí se situe" (Leitão 1981:116).



Mesmo quando *aqui* designa uma vizinhança fechada e, portanto, constrói uma fronteira entre *aqui* e *ali*, essa fronteira não chega a destruir a conexidade entre os sub-espacos designados.

Pelo contrário, a série *cá, lá* corresponde à construção de um espaço dividido em duas zonas descontínuas – "*cá em casa*", "*lá na Faculdade*" – havendo, implícita ou explícita, a construção de uma fronteira de ruptura entre dois espaços: "*Repousa lá no Céu eternamente/ e viva eu cá na terra sempre triste*".

Noutro exemplo também muito conhecido: "*para cá do Marão mandam os que cá estão*", é em "*o Marão*" que se situa explicitamente essa ruptura. A natureza deíctica de *cá* e *lá* determina que, consoante a localização do sujeito enunciador relativamente à fronteira e ao espaço definido pelos "*que mandam*", se use uma ou outra das formas *cá* ou *lá*. Em termos topológicos, o deíctico *cá* exprime a localização no Interior de uma vizinhança cujos contornos são sempre bem definidos, não podendo representar uma parte da vizinhança.

Diz-se "*para cá / lá do rio*" mas não "*\*para aqui / aí / ali do rio*", o que mostra que a série *aqui, aí e ali* corresponde a ocorrências situadas dentro de um espaço constituído por um Interior aberto em que se definem vizinhanças mas não fronteiras de ruptura. Seria, por exemplo, impensável a substituição de *cá* e *lá* por *aqui* e *ali* no soneto "*Alma minha gentil que te partiste*".

Em Leitão 1981, é apresentada a análise de diferentes séries deícticas, incluindo algumas que parecem manter-se apenas dialectalmente: *aquém* em oposição a *além*, *acolá* em oposição a *aqui*. *Aquém* e *além* marcam a construção de uma fronteira de ruptura – *aquém* e *além-mar*, *aquém* e *além da ponte*. Funcionam como *cá* e *lá*. Quanto a *aqui* e *acolá*, como *aqui* e *ali*, situam-se num Interior, em continuidade.

O carácter abstracto da designação através da deixis é bem visível na possibilidade de se usar *aqui* e *ali* ou *cá* e *lá* para referir uma realidade que, aparentemente, é a mesma: "*aqui / cá em Lisboa*" ou "*ali / lá em Coimbra*". O uso de uma ou de outra das séries corresponde à construção de representações espaciais diferentes.

## II. Valores temporais

Tal como os valores espaciais, também os valores temporais de um enunciado se podem representar num espaço topológico estruturado, neste caso necessariamente unidimensional. Representa-se, não



Já o **Pretérito Perfeito Simples** marca a construção de um intervalo estruturado como um Interior fechado, anterior a  $T_0$  ou em ruptura com  $T_0$ :

(3) *os fotografos estiveram presos* (T anterior a T<sub>o</sub> ou T em ruptura com T<sub>o</sub>)

$$(3') \text{ ——— } [////////////////////] \text{ — } \underline{\underline{\quad}} \text{ — } T_o$$

$$T(\dots t_n, t_{n+1}, \dots)$$

Manipulemos o enunciado (1) pela introdução da partícula *já*:

(4) *os fotografos já estão presos* (T simultâneo de T<sub>o</sub>)

$$(4') \text{ ————— } [ \text{////////////////////} [$$

já
T
T<sub>o</sub>

Diferentemente de (1), a representação de (4) mostra a construção linguística de uma Fronteira de abertura (à esquerda) e a passagem dessa Fronteira, isto é, a transição entre "(ainda) não estão presos" e "(já) estão presos". Este conjunto de operações é subjacente à partícula *já* (Campos 1984b). Em (4) há construção de um Interior semi-aberto, sem Fronteira de fechamento (à direita), Interior que corresponde ao estado resultante de um evento ou transição. Esse evento é a acção de "prender os fotógrafos", expresso no enunciado (5):

(5) os fotógrafos foram presos ( $T$  anterior a  $T_0$  ou  $T$  em ruptura com  $T_0$ )

$$(5') \text{ --- } [\text{|||||}] \text{ --- } \underline{\underline{\subseteq}} \text{ --- } T_0$$

T

O enunciado (6) resulta da manipulação de (5):

(6) *os fotografos já foram presos* (T anterior a T<sub>0</sub>)

$$(6') \text{ ————— } [ \text{|||||||} ] [ \text{////////////////////} ]$$

ja
T
To

Comparando (5) e (6) constata-se que a ocorrência da partícula *já* selecciona o valor de anterioridade de T em relação a T<sub>o</sub>, eliminando o valor alternativo de ruptura. Por outras palavras, a transição expressa por *já é* sempre localizada em relação a uma coordenada temporal que, nos casos particulares de (6) e (4), se identifica com o tempo da





Com efeito, a situação que está em curso em  $T_0$  não é a que se combina com o Pretérito Perfeito Composto ("*os fotógrafos têm sido atrevidos*") mas sim a que corresponde a "*os fotógrafos estão cautelosos*". A representação topológica permite mostrar que não estamos de facto perante uma contradição mas que é necessário reformular a condição de ocorrência acima enunciada. Para isso, façamos um brevíssimo excursus sobre o conceito de noção predicativa.

A **noção predicativa** é uma representação cognitiva, pré-lexical e pré-enunciativa, definível como um feixe estruturado de propriedades físico-culturais. Se pensarmos na noção /ser atrevido/, ela não é *a priori* nem positiva nem negativa. É na e pela enunciação que se constrói uma ocorrência positiva – "*os fotógrafos são atrevidos*" – ou negativa – "*os fotógrafos não são atrevidos*". Então, a uma noção /A/ associa-se necessariamente a noção /não-A/ ou /diferente de A/, que corresponde ao complementar linguístico de /A/, construído como tal em cada enunciação. Em (8), por exemplo, a noção /ser cauteloso/, cuja ocorrência figura no segundo membro, é construída como complementar linguístico de /ser atrevido/, cuja ocorrência, combinada com o Pretérito Perfeito Composto, figura no primeiro membro.

Voltemos ao exemplo (8). Em termos topológicos, e tendo em conta a linearidade do significante, o domínio nocional representado em (8') tem a seguinte leitura: o primeiro membro marca a construção de uma ocorrência iterativa da noção /ser atrevido/ que se situa num Interior aberto que inclui  $T_0$  ("*os fotógrafos têm sido atrevidos*"); em seguida há construção de uma Fronteira temporal ("*o acidente*"), que marca o fecho do Interior e a saída para o Exterior do mesmo domínio. Este Exterior é portanto delimitado à esquerda por uma Fronteira temporal, é aberto à direita e contém  $T_0$ . São as ocorrências da noção /ser cauteloso/ que se situam nesse Exterior que estão em curso em  $T_0$ .

Sendo /ser cauteloso/, como dissemos, o complementar linguístico de /ser atrevido/ construído na enunciação de (8), podemos reformular a restrição sobre a ocorrência do Pretérito Perfeito Composto a que atrás nos referimos: num enunciado com a estrutura "p mas q" em que o valor temporal-aspectual de "p" é marcado pelo Pretérito Perfeito Composto, está em curso em  $T_0$  o evento "q", se "q" for complementar linguístico de "p" e se tiver sido construída linguisticamente a Fronteira temporal entre as ocorrências de "p" e de "q" (Campos 1993).



### III. Valores nocionais

No exemplo (8), a par da representação das sequências de instantes, esboça-se já a representação topológica das ocorrências de uma noção, na sua relação com o respectivo complementar linguístico. É um caso em que se tem em conta, simultaneamente, a construção dos valores referenciais das categorias tempo-aspecto e modalidade.

Vejamos agora alguns casos em que nos debruçaremos apenas sobre a representação dos valores das ocorrências nocionais. A representação topológica pode apresentar alguma complexificação. Tomemos por base a noção /ser fotógrafo/:

*(9) olha um fotógrafo!*

Neste caso, a ocorrência construída situa-se no Interior aberto do domínio nocional das ocorrências daquela noção. É uma ocorrência qualquer, indiscernível em relação a todas as outras ocorrências da mesma noção, identificando-se com o Centro Organizador, que corresponde à ocorrência tipo. Ao mesmo tempo, é uma ocorrência individuada pela sua localização em relação à situação de enunciação, através da instanciação do lugar de argumento de grau um, objecto directo na relação predicativa subjacente a (9). Estas duas propriedades – indiscernibilidade e individuabilidade – estão na origem das operações quantitativas, isto é, da construção de ocorrências.

Em (10), as ocorrências construídas estruturam um domínio mais complexo:

*(10) não é um fotógrafo, é um aprendiz*

Neste caso, o domínio comporta um Interior, uma Fronteira sem dimensão e um Exterior. É neste Exterior que se situam as ocorrências validadas, que são ocorrências da noção /ser aprendiz/, construída como complementar linguístico de /ser fotógrafo/ na enunciação de (10).

No seguinte exemplo, a representação complexifica-se ainda mais:

*(11) ele ainda não é verdadeiramente fotógrafo, mas também já não é verdadeiramente aprendiz*



(11') —————[—F—]—————  
                                 ser fotógrafo ] ser verdadeiramente aprendiz  
 ser verdadeiramente fotógrafo [   ser aprendiz

Neste caso, há construção de uma Fronteira com espessura, na qual se situam as ocorrências que não se identificam com as ocorrências de /ser verdadeiramente fotógrafo/, mas que também não se identificam com as ocorrências de um verdadeiro aprendiz.

Continuemos com exemplos da noção /ser fotógrafo/:

(12) *ele ainda não é bem um fotógrafo*

A partícula *bem* é determinante para a significação de (12). Se essa partícula fosse omitida, a ocorrência de /ser fotógrafo/ situar-se-ia no Exterior do domínio nocional ("*ele ainda não é um fotógrafo*"). Em (12), porém, a ocorrência situa-se no Interior ("*ele é um fotógrafo*"). Mas, não possuindo todas as propriedades que definem verdadeiramente um fotógrafo, a ocorrência situa-se numa sub-zona perto da Fronteira.

Podemos assim constatar que, diferentemente do que se passa para a representação do espaço e do tempo, na representação dos valores nocionais o Interior e a Fronteira podem ter estruturas complexas. Em (11), a Fronteira tem espessura; em (12), dentro do Interior, há ocorrências com valores diferentes, correspondendo a um continuum de sucessivas sub-zonas. A ocorrência construída em (12) é localizada em relação à ocorrência tipo, com a qual não se identifica, apesar de se situar no Interior.

Vejam os um novo exemplo:

(13) *esse, sim, já é um fotógrafo*

Em (13) há construção do Interior, da Fronteira, da passagem dessa Fronteira, e da localização da ocorrência sobre o Gradiente que, no Interior, liga a Fronteira ao Centro Atractor. O Centro Atractor é um localizador qualitativo, em relação ao qual são construídos os valores de alto-grau ou de excelência. Em (13) a ocorrência situa-se, como já foi dito, no Interior, sobre o Gradiente em direcção ao Centro Atractor, mas ainda perto da Fronteira. Note-se a complexidade das operações subjacentes à partícula *já*, ainda que esta partícula tenha

aqui valor modal e não aspectual como nos exemplos (4) e (6) (Campos 1985).

No exemplo que se segue, as ocorrências construídas têm valores diferentes, ambas localizadas no Interior:

(14) *ele é um verdadeiro fotógrafo, não é um fotógrafo qualquer*

A primeira ocorrência ("*um verdadeiro fotógrafo*") contém todas as propriedades em alto-grau, e identifica-se com o Centro Atractor. A primeira ocorrência distingue-se da segunda, não validada, que corresponde à ocorrência tipo: é uma ocorrência indiscernível em relação a qualquer outra ocorrência da mesma noção. Este exemplo põe em destaque a existência de diferenças qualitativas no Interior do domínio das ocorrências de uma noção.

A comparação de (11) e (14) mostra que as formas "*verdadeiro*" e "*verdadeiramente*", consoante o contexto, podem marcar valores de ocorrência tipo, como em (11), ou valores de alto-grau, como em (14).

O valor de alto-grau pode também ser marcado pelo artigo definido acompanhado de uma curva melódica específica, que encontramos em enunciados como (15):

(15) *ele não é um fotógrafo, é o fotógrafo*

Neste enunciado, a primeira ocorrência, que é negada, corresponde à ocorrência tipo, que se identifica com o Centro Organizador. Pelo contrário, a segunda ocorrência reúne, em alto-grau, todas as propriedades da noção, que lhe atribuem o grau de excelência e a tornam única. Daí o uso do artigo definido, marcador de unicidade da classe de ocorrências e de identificação com a própria noção.

#### **IV. Em síntese**

A representação metalinguística aqui proposta tem como objectivo tentar homogeneizar a heterogeneidade de fenómenos linguísticos, de várias categorias gramaticais e distribuídos por diferentes categorias sintácticas. A complexidade dos conceitos que constituem o sistema permite, por um lado, representar operações quantitativas e qualitativas subjacentes à diversidade dos valores das ocorrências de uma mesma noção, por outro lado, dar conta da transcategorialidade que rege a construção da significação linguística.



## **Referências bibliográficas**

- CAMPOS, M.H.C. 1984a, "Pretérito perfeito simples / pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal", *Letras Soltas* 2, 11-53; também in Campos 1997, 09-51.
- CAMPOS, M.H.C. 1984b, "Le marqueur *já*: étude d'un phénomène aspectuel", *Boletim de Filologia* 29, 539-553; também in Campos 1997, 53-67.
- CAMPOS, M.H.C. 1985, "Elementos para uma definição de alguns invariantes da linguagem" in *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 83-100; também in Campos 1997, 69-82.
- CAMPOS, M.H.C. 1993, "Approche transcatégorielle et opérations énonciatives" in *Actes du XX Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes (Zurique 1992)*, Tübingen, A.Francke Verlag, 135-148; também in Campos 1997, 159-166.
- CAMPOS, M.H.C. 1997, *Tempo, Aspecto e Modalidade*, Porto, Porto Editora.
- CULIOLI, A. 1990, *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- LEITÃO, M.T. 1981, *Sur quelques déictiques de lieu en portugais*, tese de 3º ciclo apresentada à Universidade de Paris 7 (não publicada).
- LOPES, O. 1971, *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROUSSEAU, A. 1992, "La deixis: un problème de logique et de philosophie du langage" in *La Deixis (colloque en Sorbonne 1990)*, Paris, PUF, 365-375.